



Gabinete do Arcebispo Primaz

HOMILIA

Ref. HML_08/2017

Homilia na Sexta-feira Santa

Braga, Sé Catedral, 14.abr.2017, 15h00

Vitória da vida

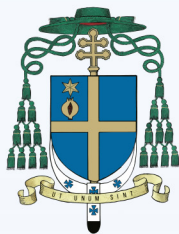
Todos os testemunhos que nos chegaram através dos evangelhos e das cartas apostólicas afirmam com clareza que Jesus morreu numa cruz. Para a Escritura, esta é a morte do maldito, a morte mais infame. “Cristo resgatou-nos da maldição da Lei, ao fazer-se maldição por nós, pois está escrito: *Maldito seja todo aquele que é suspenso no madeiro*” (Gl 3,13).

Ao longo de três anos de vida, muitos o acompanharam nas suas visitas itinerantes pelas cidades. Ouviram-no, conversaram com ele e testemunharam graças e milagres. Alguns eram meros observadores, muitos eram discípulos e um pequeno grupo era dos apóstolos. Sendo tão grande o número de pessoas que conhecerem Jesus, aumentou ainda mais a sensação de tratar-se de “um escândalo da cruz” (1 Cor 1,23). Imaginamos como, de modo particular aos discípulos, morrer na cruz como um infame terá abalado as certezas. É por esta razão que o judeu Tarfon, no diálogo com o cristão Justino, afirmou no II século: “sabemos que o Messias deve sofrer, mas que tenha de ser crucificado e morrer de modo tão vergonhoso, não conseguimos nem sequer concebê-lo”.

A morte não foi um acto desejado por Cristo. Vimos a Sua angústia, no horto das oliveiras, quando disse “Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22,42). Foi por absoluta necessidade, absoluta fidelidade ao Pai e absoluto amor que Ele morreu. No dia da Sua condenação, diante de Pilatos, confessou “para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade” (Jo 18,37). Causa-nos ainda maior perplexidade quando agora algumas pessoas afirmam e legitimam, com ligeireza, que vivemos tempos da *pós-verdade* e das *inverdades*. Por muito que queiramos, nenhuma verdade pode ser declinada, enquadrada ou flexibilizada.

A defesa da Verdade, que tanto sofrimento trouxe, foi a razão da Sua morte. A verdade não tem preço. Diz, por isso, o Hino de Ofício de Sexta-feira: “Atei os meus braços com a tua Lei, Senhor, e nunca os meus braços chegaram tão alto”. A Lei do Senhor liberta-nos de toda a tentação, por muito compreensível que ela possa ser. É neste sentido que Jesus morre sem pretensões políticas e sem pretensões religiosas. Defendeu sempre “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22,21). Em última circunstância, o maior escândalo é que tenha morrido sem razão plausível, ou seja, morreu porque o mal corrompeu os corações.

A morte de Cristo conduz-nos a olhar para tantas outras mortes, mesmo que presentes em pessoas vivas. São mortes pessoais e mortes estruturais. Perante o *consumatum est*, teremos de repensar a nossa vocação de *povo da vida*, que nos impele a servir e a defender incondicionalmente a vida. Tal



como não aceitamos a morte de Cristo pela sua injustiça e crueldade, não podemos também concordar com tantos atentados à vida, nós que sabemos que Deus exaltou toda a vida e a vida de todos.

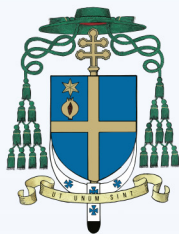
Cristo foi morto injustamente e, por isso, temos obrigação de dizer que quem ofende e suprime a vida do Homem ofende e suprime a Cristo. Defender é promover a vida, aquela vida que nasce do Ressuscitado e tanta alegria nos trás.

“Todas as coisas que atentam contra a própria vida, como são os homicídios de qualquer espécie, os genocídios, os abortos, a eutanásia e o próprio suicídio voluntário; tudo aquilo que constitui uma violação da integridade da pessoa humana, como são as mutilações, as torturas morais ou físicas, as pressões psicológicas; tudo o que ofende a dignidade do homem, como são as condições infra humanas de vida, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravatura, a prostituição, o comércio de mulheres e raparigas, ou ainda as condições de trabalho degradantes, que reduzem os operários a meros instrumentos de lucro, sem ter em conta a sua personalidade livre e responsável; todas estas coisas e outras semelhantes são, na verdade, uma infâmia; enquanto corrompem a civilização humana, desonrando os que a elas se entregam mais do que aqueles que sofrem a injúria; e são totalmente contrários à honra devida ao criador” (GS 27).

Em Sexta-feira Santa, reflectimos sobre o impacto que as forças do mal têm quando endurecem o coração dos homens. Por outro lado, Jesus, ao morrer, assumiu em si a morte da Humanidade e mostrou que, quando se tem fé, a morte não tem a última palavra. Isto acontece também naquelas pequenas realidades de morte que nos acompanham quotidianamente. Importa ver para além dos acontecimentos imediatos e lutar sempre pela vida, em nós e nos outros, sem nos deixarmos vencer por aquilo que se experimenta no imediato. Não nos calemos para defender a dignidade da vida. Precisamos de uma ardente e corajosa acção educativa em favor da vida.

Se Deus é o Pai e autor da vida, Maria é, de modo semelhante, o seio e a guardiã por excelência da vida. Sempre atenta às necessidades humanas, consegue antecipar possíveis sinais de morte ou infelicidade. Fê-lo, por exemplo, nas bodas de Canã ao alertar “não têm vinho”, como que dizendo “não têm vida ou alegria”. Mas existe ainda uma situação em que foi ela própria a passar pela angústia da ausência. Lucas narra-nos que, certo dia, Maria e José perderam de vista Jesus. Ao reencontrarem-se, Maria disse-lhe “Filho, porque nos fizeste isto? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura!” (Lc 2,48).

Caros irmãos, existem muitas outras pessoas perdidas e angustiadas porque ninguém as procura. Por diversas vezes, o Papa Francisco falou-nos das periferias existenciais. São situações e pessoas que passam dramas humanos, longe dos holofotes, mas que sofrem a solidão, o desprezo e discriminação. É o caso de quem passa fome e está endividado. Vivemos no comodismo da nossa vida pessoal e não queremos descortinar situações infames que ainda existem. Custa ver crianças a frequentar escolas sem um pequeno-almoço. A solidão a que estão votados muitos idosos faz doer o coração. São dias e dias sem o consolo de uma palavra amiga e carinhosa. Recordo as vítimas da violência doméstica que não podem relatar a sua situação a ninguém. Penso na vida que não é vida dos sem-abrigo e toxicod dependentes. Não esqueço quem passa por momentos de depressão e angústia. Lembro a vida



familiar sem sentido que entristece tantas pessoas. Lembro também aquelas pessoas que atravessam um período de luto e sofrem com a perda de alguém querido.

Um amor que sabe sofrer com quem sofre opera prodígios e revoluciona a história da Humanidade. Acreditando em Cristo que passou pela morte, nenhum poder pode roubar-nos a alegria de viver. *Omnia vincit amor*. O amor tudo vence. Pela fé acreditamos no amor de Deus. Pela caridade lutamos por um mundo de verdadeiro humanismo e fraternidade.

Que o conforto de Maria nos acompanhe e fortaleça na luta contra o mal dos corações endurecidos e contra as lógicas da morte. Pedimos também ao Senhor Ressuscitado que nos ajude a resgatar os esquecidos da sociedade, trazendo-os para o centro das nossas atenções.

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*